SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXIX • MARÇO DE 1973 • N.º 335

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

A LUTA CONTRA A DESUMANIZAÇÃO DA VIDA

POR JOEL RIBEIRO

Impressiona a aridez da linguagem de certos textos ou discursos com que frequentemente topamos. O recurso a frases estereotipadas, o repetido lançar mão de bordões e de estribilhos de mau gosto, as paráfrases, o abuso de termos em grande voga mas cuja pertinência nem sempre se pode reconhecer, são apenas alguns dos aspectos responsáveis por essa secura literária, verdadeiro gongorismo da época actual. Se a tudo isto se juntar uma certa propensão para a ambiguidade de pensamento, para o amontoar de palavras cujo significado não é fácil abranger, é natural que seja uma sensação de vazio a que nos fica de toda essa forma de expressão. A fala, em vez do maravilhoso instrumento de comunicação, transforma-se em barreira que quase veda o acesso à compreensão.

Todavia, se, um pouco que seja, meditarmos nessa forma de expressão, ou, melhor, de não expressão, somos obrigados a concluir que igual sensação se colhe de outras manifestações hodiernas.

Atendemos, por exemplo, nessas construções que se erguem agora por toda a parte nas urbes ditas civilizadas, as quais lhe imprimem, seja qual for o quadrante geográfico em que estejam implantadas, uma igual fisionomia, uniforme, monótona. Nesses edifícios, de proporções gigantescas muitos deles, verdadeiras colmeias humanas, o homem acaba por viver isolado entre essa multidão que o habita, desenraizado daquelas formas tradicionais de convivência que as habitações mais singelas proporcionavam.

Nas próprias cidades, com as artérias coalhadas de veículos que as obstruem, dificultando a circulação e pondo em constante risco a segurança dos próprios habitantes, o ambiente torna-se de certo modo hostil a uma existência tranquila e feliz. Os aglomerados humanos, de algum modo, perdem assim aquele poder de atracção que exerciam sobre os povos por mor da protecção e abrigo que ofereciam contra os perigos a que estavam expostos os habitantes das áreas rurais isoladas.

São estes alguns dos sintomas, a que aludimos a título meramente exemplificativo, que demonstram o processo de desumanização que afecta hoje a vida em sociedade, isto para não falarmos doutros factores igualmente significativos, como a poluição, as fantasias da indumentária, a licença dos costumes, a mecanização do trabalho nas cadeias de montagem, a maquinalidade da música, e outros.

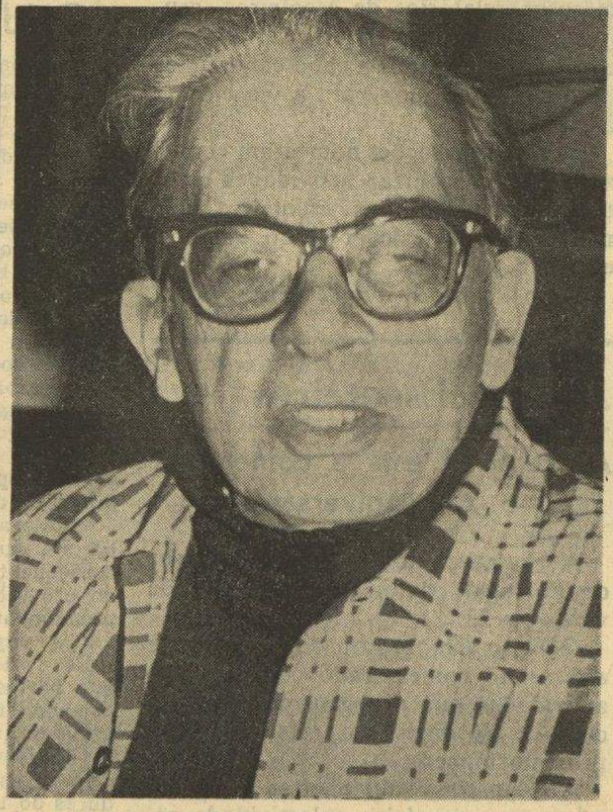
Que se deve concluir de tudo isto? Que o homem é insensivelmente levado a assumir um comportamento imposto por uma civilização de feição industrial, nitidamente materialista, com uma acção de matiz desumanizante.

Perante tal realidade, verifica-se que uma maior responsabilidade cai sobre os ombros dos educadores, a qual, em contrapartida, lhe oferece um mais vasto campo de acção para o exercício da sua missão, isto porque se tal estado de coisas é resultante do advento da era industrial, há que ter esse factor em conta, porque não é crível que, mesmo que houvesse vontade de obviar aos seus inconvenientes, seja fácil, ou sequer possível, regredir. Nesta conformidade, ao educador talvez não reste outra alternativa que não seja a de atenuar, quanto possível, esses reflexos, por meio de uma acção tendente a reconciliar o homem com

Continua na pág. 7

O PINTOR CARLOS BOTELHO FALA DE ESCOTISMO

(VIDE PÁGINA 4)



Carlos Botelho — sensibilidade apurada, dedica-se igualmente a outras manifestações artísticas. Desde menino, apaixonado pela música, cursou violino, cujos estudos completou em 1916, e foi director de cena do Grupo Português de Bailado «Verde Gaio» (1943)

O ACAMPAMENTO NACIONAL EM MARCHA

Continuam os preparativos para este Acampamento com que se comemorará o 60.º aniversário da AEP, o qual se realizará, como já anunciámos, no Parque da Cidade do Porto, graças à honrosa concessão do Município da Capital do Norte.

O Acampamento decorrerá de 17 a 27 de Agosto p. f., como também já anunciámos, altura para que os escoteiros que desejam tomar parte nesta manifestação escotista devem pedir as férias.

É do nosso conhecimento de que, tanto nos Serviços Centrais, como na Região do Porto, os nossos camaradas estão-se entregando, com grande entusiasmo, à preparação do Acampamento Nacional, de forma que o aniversário da nossa Associação possa ser condignamente celebrado com esse acontecimento.

A propósito de...

UM NOVO GRUPO NA FIGUEIRA DA FOZ

A notícia publicada no nosso jornal de Dezembro p. p. de que mais um grupo de escoteiros vai surgir, terá enchido de satisfação muitos escoteiros e amigos do Escotismo,

Todavia, alguns comentários e expressões utilizados no texto não terão agradado a um dos nossos leitores que nos escreve (não a mim mas ao nosso director) contestando a veracidade das mesmas e aproveitando para tecer alguns comentários à utilidade do modesto trabalho escotista que tenho realizado.

É pena que a modéstia daquele nosso leitor o tenha levado a solicitar a não publicação da sua carta, mas nem por isso deixa de ser esclarecido, (se é que tem necessidade disso), sobre algumas situações que a referida carta me recorda, aproveitando ainda para justificar-me perante alguns outros leitores que têm manifestado surpresa por eu ter abandonado os comentários que aqui me eram habituais sobre as actividades escotistas e vida associativa.

Em relação a estes últimos, esclareço rapidamente que abandonei tais comentários principalmente por cansaço e para não saturar os leitores. Nada adiantavam e gastavam-me muito tempo e... feitio. Era «chover no molhado» como dizem os nossos irmãos brasileiros.

Quanto às questões postas pelo estimado leitor, *que parece pretender responsabilizar-me pela falta de um departamento de estudo e propaganda do Escotismo, informo-o de que ainda estou lembrado de, em meados de 1966, ter sido nomeado para uma comissão da A. E P. chamada «Técnica Pedagógica», mas também o informo de que não estou esquecido do pedido que me fez em fins de 1968 o Escoteiro-Chefe-Geral para* «estar quieto», *numa altura em que a tal comissão começou a «levantar ondas» e a obrigar a uma certa actividade a calma direcção associativa.*

Para não me alongar, lembro que este assunto já foi esmiuçado no nosso número 293, de Setembro de 1969. A Chefia-Geral é que nunca respondeu à pergunta levantada por S. P.! Seria até interessante voltar a ler essa entrevista para ver como é actual a situação, apesar dos progressos que tenho visto anunciados.

De qualquer forma, prometi nessa altura que não pediria a demissão e tenho cumprido, continuando à espera do convite para «recomeçar» vindo da mesma Entidade, se é que na altura eu não estiver já tão ferrugento que não seja possível o arranque.

Fugiria à verdade se não acrescentasse que, independentemente (antes e depois) da minha (in)actividade *na C. T. P., procurei colaborar algumas vezes com o Escoteiro-Chefe-Geral Adjunto no seu incansável esforço, mas, por infeliz fenómeno de magnetismo, raramente acertámos as agulhas. Parece-me que temos polarizações opostas. A sua vontade indómita de continuar, ultrapassou de longe o meu entusiasmo e creio que só lhe fiz estorvo, embora tenha escrito muitas vezes o seu nome e cargos aqui no jornal (ainda que nem sempre para aplaudir) coisa a que ele me parece ser bastante sensível, bem ao contrário do meu* estimado leitor.

Precocemente envelhecido na pesquisa de um Movimento, cujo ideal apenas entrevi e que procuro há mais de 20 anos, cá fico assistindo, impávido e sereno, à evolução na continuidade que nos têm oferecido os prestimosos Serviços Centrais, atento às brilhantes estatísticas oficiais do crescimento aepista (a palavra também é de lá) — seremos 510 no Acampamento Nacional! (se lá estiveram todos: lobitos, escoteiros, caminheiros, chefes, antigos chefes, antigos escoteiros e... visitas) — lendo com interesse as N. N. D., onde vou dando conta de que os esforços da Chefia-Geral e da equipa de pedagogos que com ela colabora, tem feito florescer o Movimento, que conta actualmente o número fantástico de 41 grupos, onde se evidencia, por certo, a actividade do 5, 12, 14, 20, 27, 28 e outros, alguns dos quais julgava fechados há alguns anos.

As restantes afirmações que tanto preocuparam o nosso estimado leitor, têm base em desabafos do Sr. Francisco Neves, que conheço há alguns anos e nunca me chamou mentiroso, mas está muito a tempo de fazê-lo, se entender que tem razões para isso.

E veja lá o estimado leitor *aquilo a que me levou! Eu que do Escotismo já me considerava reformado, até jornalisticamente, refugiado na consoladora companhia dos «antigos».*

Mas não pense mais no que eu disse. Tudo está, afinal, tão bem!...

Escotismo é que não há!!!

MARIANO GARCIA

O Jambori Mundial de 1975

Foi alterada a data da realização do XIV Jambori Mundial

O Comité de Organização do XIV Jambori Mundial, que se realiza em 1975 na Noruega, anunciou que este grande acampamento, que inicialmente se previa se realizasse de 3 a 12 de Agosto, viu as suas datas alteradas para 29 de Julho a 7 de Agosto, por razões de ordem técnica.

Todos os subcomités se encontram em plena actividade e organizaram já um encontro de fim-de-semana para que os mais jovens pudessem dar conta das suas ideias. Pensa-se, por exemplo, que será possível acolher todos os participantes estrangeiros em casas de famílias norueguesas, quer antes, quer depois do Jambori.

A Secretaria Mundial já recebeu numerosos relatórios de escoteiros, grupos e associações, onde se verifica que estão sendo levadas a cabo campanhas para reunir fundos para a viagem até à Noruega.

Outras associações nomearam comissões para organizar actividades escotistas destinadas aos escoteiros que não poderão deslocar-se ao Jambori em 1975.

E em Portugal, que se pensa fazer?

Antigos Escoteiros

A Fraternal está a comemorar o 23.º Aniversário

A Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal passou mais um ano de vida — o 23.º.

O facto não passou despercebido e está sendo comemorado com diversas actividades que decorrem no mês em curso e às quais nos referiremos no próximo número.

Aos nossos companheiros que compõem esta simpática colectividade enviamos as nossas felicitações pela passagem desta data.



Aniversário do Grupo N.º 6 OLHÃO

Esta unidade dos Escoteiros de Portugal comemorou, em 29 de Janeiro passado, o 48.º aniversário da sua fundação, com uma reunião em que participaram todos os membros do Grupo e também do Grupo 77, de Faro.

O Chefe João Lobo Trigueiros fez uma palestra acerca do significado do Compromisso de Honra, tendo em seguida prestado compromisso os novos escoteiros Gastão Manuel Ferreira, Rui Cavaco, Artur Custódio Pinto, Rui José Simão, João Luís Trigueiros e João Vítor Martins.

Prestaram também promessa os novos lobitos César Augusto do Carmo Lopes, António Pedro da Silva, João Alberto da Conceição Fernandes e Edmundo Rosa Muralha Mimoso.

O Escoteiro Manuel Celestino dos Santos Martins recebeu as insígnias de seis capacidades, bem como o correspondente cordão de mérito.

A agradável confraternização terminou com um chá servido a todos os presentes.

JOANSI

«Sempre Pronto» em Olhão

O nosso jornal passa a estar representado em Olhão pelo nosso amigo Guia de Patrulha no Grupo n.º 6 daquela vila, Sr. José António da Silva, que já nos vinha prestando colaboração espontânea e que, a partir de agora, será nosso Correspondente.

Agradecemos e damos as boas-vindas a este novo colaborador.

Cuidado com a cera!

As donas de casa, levadas pelo espírito da economia, praticam actos inseguros que têm, por vezes, consequências muito graves.

Uma das pseudo-economias diz respeito ao aproveitamento dos restos de cera que se encontram no fundo das latas. Todas aquelas que o fazem não se apercebem que os gastos com os acidentes poderão ser bem maiores do que a aquisição de uma nova lata de cera.

Para derreter a cera, as donas de casa adicionam gasolina ou parafina, sem saber o risco a que se expõem.

A gasolina possui um ponto de ignição muito baixo, ou seja, aproximadamente de — 42°C. Quer isto dizer que com a temperatura de 42 graus abaixo de zero, a gasolina desprende vapores suficientes para provocar uma combustão.

Ao levar-se a lata de cera para o fogo, há um aumento de temperatura, o que, consequentemente, aumenta a volatilidade do produto inflamável, facilitando o desprendimento de vapores.

Os vapores de gasolina, por serem mais pesados do que o ar, acumulam-se nas partes inferiores. Ao alcançarem as chamas, inflamam-se com violência, e atingem quem estiver perto.

Daqui resultam as mais variadas consequências que podem ir, desde queimaduras do 1.º ao 3.º grau, até à morte.

A sua vida vale mais que alguns tostões. Não a arrisque! — *Centro de Prevenção e Segurança.*

Opiniões acerca da juventude

Segundo o «British Medical Journal» de 5 de Junho, o doutor Ronald Gibson, falando do conflito das gerações perante a Sociedade Médica de Portsmouth (Grã-Bretanha), começou a sua conferência por quatro citações:

Primeira citação:

«A nossa juventude ama o luxo, é mal educada, zomba da autoridade e não tem nenhuma espécie de respeito pelos velhos. As crianças de hoje são tiranos. Não se levantam quando um velho entra numa sala, respondem a seus pais e são muito simplesmente maus».

Segunda citação:

«Não tenho nenhuma esperança no futuro do nosso país se a juventude de hoje toma o mando amanhã, porque esta juventude é insuportável, sem moderação. Simplesmente terrível».

Terceira citação:

«O nosso mundo atingiu um estado crítico. Os filhos não escutam os seus pais. O fim do mundo não pode estar muito longe».

Quarta citação:

«Esta juventude está podre desde o fundo do coração. Os jovens são maus e preguiçosos. Não serão nunca como a juventude de outrora. Os de hoje não são capazes de manter a nossa cultura».

Tendo lido estas quatro citações, o doutor Gibson revelou em seguida a sua origem:

A primeira é de Sócrates, 470 — 399 antes de J. C.

A segunda é de Hesíodo, 720 antes de J. C.

A terceira é de um sacerdote egípcio que viveu 2 000 anos antes de J. C.

A quarta foi descoberta recentemente numa olaria nas ruínas de Babilónia tendo mais de 3 000 anos de idade.

Plus ça change...

XLIX POEMETO FILATÉTICO

Diante do selo que comemorou o X Congresso Internacional de Pediatria, 1962

Há dez anos houve um selo
que me deu muito prazer:
com que interesse, com que zelo
o menino e a menina,
numa cena pequenina
vi, o mesmo livro a ler.

Ele encosta a mão ao rosto,
ela põe na folha a mão.
Vejo nela interesse e gosto
e nele meditação.

São nossos filhos queridos;
e em poucos anos volvidos
são (Deus ouça os meus pedidos)
cidadã e cidadão!

Eduardo Moreira

PALAVRAS SENSATAS

CUIDADO COM A ORTOGRAFIA

O Boletim «Notas e Notícias Diversas sobre Escotismo» da A. E. P. inseria no seu n.º 5 no penúltimo dia de 1972, a seguinte recomendação que merece ser ponderada:

Chegam-nos às mãos boletins, ordens de serviço e outros elementos dos Grupos que, por vezes, vêm com muito má redacção e ortografia.

É preciso ter o máximo cuidado com esses factos anómalos, principalmente quando são expedidos para fora e dados a público.

Não devemos esquecer que o Escotismo não pode sujeitar-se a coisas deste tipo, tanto mais que se trata duma organização educativa e instrutiva. E há um mínimo de nível que é preciso manter.

É preciso *ter cuidado.*

O VALOR DO EXEMPLO

A ordem de serviço n.º 1/73 do Grupo n.º 8 dos Escoteiros de Portugal abriu com o seguinte avisado conselho:

«Bem prega Frei Tomás!... Mas faz o que ele diz; não faças o que ele faz». Atenção!... O exemplo, em escotismo, é essencial. Para se ser bom chefe de grupo, de tribo, de alcateia, de clã, ou bom guia, há que marcar atitudes pelo exemplo.

Exigir pontualidade e chegar atrasado; exigir a verdade e mentir... ou torcer a verdade, não é escotismo.

Não pode haver Frei Tomás, em escotismo. Que os dirigentes cumpram, se querem ser obedecidos.

EM ALFAMA

O Grupo n.º 2, da AEP, inaugurou a sua 8.ª secção

Nos passados dias 3 e 4 de Fevereiro, e em sequência das festividades do 60.º aniversário da sua fundação, o Grupo n.º 2 dos Escoteiros de Portugal inaugurou mais uma secção, desta vez em Alfama.

No sábado, dia 3, os aspirantes realizaram uma Vigília com ritual escotista, das 21.30 horas até às 23.

A Vigília teve lugar na Igreja Paroquial de S. Estêvão. O templo encontrava-se cheio e estiveram presentes todas as secções do Grupo e, ainda, escoteiros dos Grupos n.ºs 21 e 100.



Um momento da cerimónia da inauguração da nova Secção do Grupo 2: a investidura dos escoteiros

No final da Vigília, foi lida a última mensagem de B.-P.

No dia seguinte, no mesmo templo, realizou-se a investidura dos escoteiros da nova secção, após a leitura do Evangelho. Foi lida, pelo chefe Madeira Leitão, a Lei do Escoteiro e repetida por todos os elementos da nova secção, tendo o chefe ajudante Vítor Brado fornecido breves explicações sobre o significado dos artigos da Lei.

O serviço religioso foi celebrado pelo assistente espiritual do Grupo e, prior da paróquia de S. Estêvão, Padre António Emílio.

Naquela cerimónia, estiveram presentes, além dos Grupos já citados, os srs. Escoteiro-Chefe-Geral, Dr. Pupo e esposa, subdirector do Secretariado da Juventude e Desportos em representação do Dr. Castelo Branco, senhora D. Maria Joana Azevedo Coutinho, Madrinha da nova secção, e seu marido, o Comandante Azevedo Coutinho.

Estiveram também presentes muitos antigos escoteiros, dirigentes do Grupo, familiares dos escoteiros, sócios auxiliares e ainda elementos da 2.ª Companhia de Guias de Portugal, encontrando-se dessa forma o templo repleto.

Depois da missa, no Centro Social foi servido um almoço volante a 230 pessoas, com a presença de todas as individualidades que assistiram à cerimónia, bem como do efectivo do Grupo.

No final do repasto, e antes da inauguração da sede daquela secção, o chefe do Grupo, sr. Madeira Leitão, agradeceu a presença de todos os convidados, tendo também falado o sr. dr. Pupo e o padre António Emílio.

«Sempre Pronto» deseja à nova unidade do Grupo n.º 2 óptimo escotismo e longa vida.

A. I.

Apontamentos para a história do Escotismo (5)

«A Associação Escolar do meu Liceu e o Escotismo completaram-se e foi lá que adquiri excelente preparação básica para a Vida»

DISSE-NOS O ARTISTA CARLOS BOTELHO, ANTIGO ESCOTEIRO DO GRUPO N.º 3

Nos meios artísticos de Lisboa, o nome de Carlos Botelho impõe-se entre os maiores e o seu prestígio ultrapassou há muito as fronteiras do nosso País. Participante de várias exposições internacionais e representado em Museus e colecções no estrangeiro, coleccionador de honrarias e prémios de expressivo significado, onde se destacam: «Grand-Prix» na Exp. Int. de Artes e Técnicas em Paris (1937); Prémio «Sousa Cardozo» (1938); I Prémio da Exp. Int. de Pintura em S. Francisco (1939); Prémio «Columbano» do S. P. N. (1939); Grande Prémio da Aquisição na I Bienal de S. Paulo (1951); Prémio Exp. Hellmark em Nova York (1952); Menção Honrosa na Galeria Durand-Ruel de Paris (1955); Medalha de Prata da Exp. Int. de Bruxelas (1958); I Prémio de Pintura no II Salão da Fundação Gulbenkian (1961).

Cavaleiro da Ordem de Santiago (1939) e Oficial da Ordem de Cristo (1940) é, porém, a simplicidade a manifestação mais evidente do grande artista, que sente particular satisfação ao levar ao seu antigo Liceu a Exposição dos seus «50 anos de pintura», numa romagem de gratidão pela Casa onde aprendeu os primeiros traços e onde realizou, menino inexperiente, a sua I Exposição (1918).

Na sala ampla, de tons suaves, o artista aguarda-nos, sorrindo calmamente. A seu lado, um violino, companheiro fiel e íntimo de bons e maus momentos, parece igualmente repousar.

Tal quadro de serenidade e paz interior, mesmo no seio desta Lisboa ruidosa e indisciplinada, toca-nos profundamente, faz-nos bem, abstraindo-nos de imediato da confusão dos carros que circulam na rua, da correria indisciplinada dos peões, dos apitos estridentes dos guardas reguladores do trânsito, do ruído infernal dos aviões que passam perto, enfim, de todo esse mundo egoista e apressado de que só os artistas sabem ausentar-se.

Bem menos jovem do que aparenta a frescura do seu aspecto, a vivacidade lúcida do seu diálogo ou a firmeza das suas convicções, está na nossa presença um dos mais antigos escoteiros portugueses, fundador do grupo n.º 3, esse quase lendário Grupo de escoteiros desaparecido há muitos anos que ninguém se atreveu jamais a fazer reaparecer.

Vida e morte de um grupo de escoteiros

— Como nasceu o Grupo n.º 3?

— «A criação do Grupo ficou a dever-se, principalmente, ao ambiente de espírito associativo que existia no Liceu. Esse ambiente era dado pelo próprio director, Dr. Sá Oliveira, que veio a ser o Presidente da Associação dos Escoteiros. Ele considerava que o TRÊS não era mais do que uma aula voluntária dentro do programa do Liceu.

«Nós tínhamos uma associação escolar muito bem organizada, (que era a inveja das próprias universidades), onde havia uma secção pró-arte, com aulas de desenho e pintura, que teve grande influência na minha vida, pois ali me formei nos primeiros traços. Tínhamos também uma aula de arte de dizer que trazia ao teatro. Existia igualmente uma aula que chamávamos pomposamente «literária e científica» onde existia um jornal chamado OS NOVOS, cuja divisa era: *Nós nos educaremos.*

«Repare que tudo isto era já Escotismo, pois está tudo dentro do mesmo espírito do Movimento.

«Tínhamos ainda uma Caixa Económica onde cada um depositava o que sobrava das suas «semanadas». Nas cadernetas desta caixa podia ler-se na capa: *Poupa o supérfluo.* Isto é Escotismo.

«Deste modo, a existência de um grupo de escoteiros dentro do PEDRO NUNES foi como que um acontecimento natural, como o era a existência da secção desportiva, onde se praticava o futebol, o ténis e o hipismo, este para os meninos mais abonados.»

— O grupo de escoteiros desenvolveu-se ali, portanto, dentro de um ambiente natural...

— «Sim e isso dava ocasião a que tivesse uma frequência bastante razoável de adeptos e ao mesmo tempo excelentes auxiliares nas suas programações.

«Mais tarde, o padre Sá Oliveira saiu e as coisas começaram a afrouxar. Veja-se a influência que tem um homem!

«Sem o reitor Sá Oliveira, a Associação Escolar e o próprio Escotismo começaram a perder o interesse, até se extinguirem.

«Mais tarde vieram alguns reitores com a intenção de fazer ressurgir os bons tempos do Pedro Nunes, mas infelizmente nenhum teve a preocupação de fazer ressurgir ali o grupo n.º 3. Disso me queixo. Eu gostaria de voltar a ver o Escotismo dentro do meu antigo Liceu e que a Associação Escolar voltasse a ter o valor e interesse para os estudantes que tinha naquele tempo e que não mais possuiu, creio que por razões de ordem burocrática, pois parece-me que hoje se não simpatiza muito com as associações escolares, o que considero verdadeiro disparate já que grande parte da minha formação para a vida adquiri-a na associação escolar.»

Os alicerces de um grande artista

— Teve parte activa nas realizações da Associação Escolar?

— «Lembro-me que nessa época, tinha eu 15 ou 16 anos, consegui com outro colega a criação de uma cantina no Liceu, a qual era administrada unicamente por nós, sem a intervenção de qualquer adulto. Éramos nós que resolvíamos todos os problemas que surgiam.

«Também fui responsável pela direcção de um jornal. Tudo coisas que nos ajudavam a adquirir preparação para o futuro.

«Ainda fiz teatro, onde contracenei com o conhecido actor Assis Pacheco, que era um colega. O próprio dr. Sá Oliveira me disse: «Tu deves ir para actor». Eu respondi-lhe: «Talvez tenha disposição, mas não tenho figura nem voz. A esse respeito não tenho ilusões.»

— De qualquer modo saiu artista.

— «Saí artista porque tive boa preparação preliminar na idade própria. A Associação Escolar ajudou muito a minha promoção a par dos conhecimentos adquiridos nas aulas.

«Em 1919, fui um dos pioneiros do cinema. Fiz parte de uma equipa de artistas, com Continelli Telmo, Leitão de Barros, Stuart Carvalhais, que realizou duas películas para a Lusitânia Filmes.

«Isto ainda consequência da abertura que o Liceu nos dava, preparando-nos para a luta pela vida.»

— Havia, portanto, um ambiente votado à arte, ainda que esta tivesse expressão em vários sentidos. Era preocupação da Associação Escolar cultivar o gosto pela arte entre os alunos...

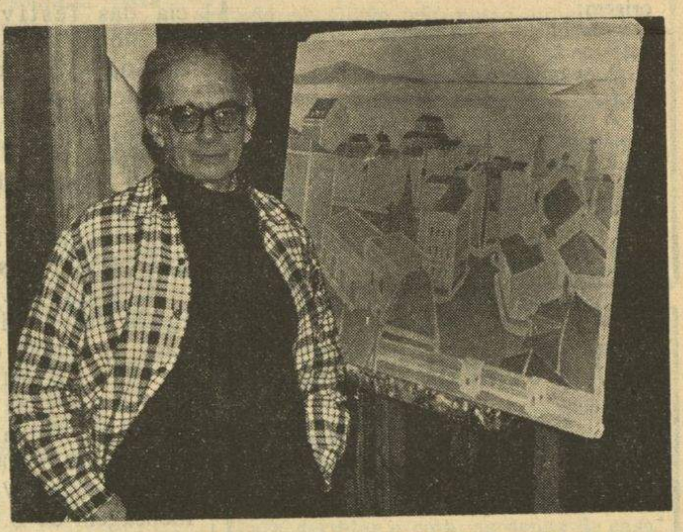
— «Sim, e não só a arte como outras possibilidades de expressão mais prática como a taquigrafia e a dactilografia, por exemplo.»

Um grupo de escoteiros privilegiado

— O Grupo n.º 3 encontrou pois uma forma fácil de se instalar.

— «Não há dúvida de que a Associação Escolar e o Escotismo estiveram intimamente ligados, pois este veio completar as actividades daquela, já que o ambiente lhe era perfeitamente receptivo.

«Gostaria que o TRÊS voltasse a existir, se possível outra vez dentro do Liceu Pedro Nunes. Isso daria uma grande alegria a mim e a um bom número de antigos companheiros felizmente ainda vivos.»



O pintor e a sua última obra, ainda por terminar. A eterna sedução de Lisboa na arte de Carlos Botelho

— Tem boas recordações do Grupo?

— «São sempre boas as recordações da juventude. As do escotismo não deixarão de estar entre as melhores.

«O TRÊS era um grupo muito ecléctico, mas muito curioso, de expressões diferentes no que respeita a ideias, atitudes e até no pensamento religioso, pois nós tínhamos ali rapazes católicos, protestantes, neutros (entre os quais eu me situava) e tínhamos até um israelita... e todos se davam às mil maravilhas.»

— É essa a brilhante vitória do Escotismo.

«— Exactamente. E quando isso não sucede é mau, porque já não estão a praticar Escotismo.

Continua na pág. 6

PÁGINA DO ESCOTEIRO



Para ti, irmão escoteiro

Um Nacional à vista



Comemora os 60 de actividade a nossa Associação, a Associação dos Escoteiros de Portugal. Reina grande azáfama nos Serviços Centrais para que essa data histórica do Escotismo Nacional seja condignamente festejada.

A cidade do Porto, a mui nobre, sempre leal e invicta cidade, será a anfitriã, em Agosto, dos escoteiros que ali forem acampar no Parque da Cidade.

Tudo se conjuga para que as comemorações alcancem um brilhantismo desusado.

Porém, como é que te vais apresentar lá? Como representarás a tua patrulha, o teu grupo? Quase pata-tenra como quando fizeste a promessa? Somos levados a crer que não. Tu vais preparar a tua ida, adquirindo conhecimentos, mais conhecimentos.

Até Agosto, tens tempo para obter a 2.ª classe e, pelo menos, seis especialidades. Gostaria de ver o teu braço brilhando com algumas capacidades.

Alguns poderão mesmo ostentar a 1.ª classe e seria até grande honra ser eleito Escoteiro da Pátria em pleno acampamento. Os que tiverem a 1.ª classe há cerca de um ano poderão tentar essa grande conquista escoteira.

Nada é impossível, basta apenas um pouco de esforço e de boa vontade.

Um abraço do teu irmão

ESCOTEIRO . . . DA PÁTRIA

ESPELEOLOGIA



A espeleologia, tida ainda por muitos como «maluquice», não consiste apenas na visita ao reino dos morcegos pelas belezas naturais que as grutas apresentam. A espeleologia é muito mais do que isso: É uma fonte vastíssima de conhecimentos sobre biologia e mineralogia, arqueologia, e muitas outras ciências e artes.

É necessário a um espeleólogo possuir uma boa dose de sangue frio e maturidade suficiente para reagir a um grande número de situações que surgem quando menos se espera. É ainda um desporto em que o corpo humano se cultiva na sua totalidade: No aspecto físico, devido aos esforços a exercer durante as descidas e escaladas, e técnicas especiais a usar; no aspecto mental, porque o espeleólogo se habitua a raciocinar rapidamente e a cultivar-se através da aprendizagem sumária de várias ciências, que se vão aprofundando à medida que o espeleólogo vai querendo aprender mais e mais. O espeleólogo tem de ser calmo e activo, tem de ser cientista, artista, geólogo, técnico e um sem número de outras coisas.

Aconselho pois os jovens escoteiros portugueses a experimentarem esta maravilhosa actividade que se chama espeleologia, com colegas de outros grupos já mais experientes neste campo de que, sabemos ao certo, já existem bastantes e, enviem-nos depois as opiniões sobre a experiência única que é ir a uma gruta pela primeira vez, facto esse que, garanto, não mais se lhes apagará da memória.

Rui Fernando Fonseca
(Castor Espeleólogo)

O CONCURSO DE TRABALHOS ESCOTISTAS EM MINIATURA



O concurso de trabalhos manuais em miniatura, que Sempre Pronto levou a efeito, não se pode dizer que tenha sido um êxito em respostas, dado que apenas um concorrente se apresentou.

Concorreu e ganhou, merecidamente, uma excelente marmita individual, de alumínio, já que o seu trabalho, um modelo de acampamento de patrulha, está muito perfeito e em escala rigorosa.

Lamentamos que os outros escoteiros não tenham dado atenção a este interessante passatempo, o que demonstra qua a arte manual anda muito arredada dos nossos grupos.



O escoteiro
Adelino António Madeira

Conversamos um pouco com o vencedor. Trata-se do escoteiro Adelino António Madeira, do grupo n.º 8 dos Escoteiros de Portugal.

— Quantos anos tens e há quanto tempo és escoteiro?

— Tenho 14 anos de idade e sou escoteiro desde Março do ano passado. Fiz a promessa no dia 8 de Abril, aniversário do meu grupo.

— Qual é a tua profissão?

— Estudante. Ando no 3.º ano da Escola Industrial Marquês de Pombal.

— Qual o teu progresso escotista?

— Tenho a 2.ª classe, sete especialidades e ando a tirar a 1.ª classe.

— Óptimo, és um escoteiro aplicado. A que patrulha pertences?

— À patrulha Falcão. Sou o guia, temos cinco escoteiros e está para entrar mais um, para ficarmos completos.

— Porque é que entraste para o Escotismo?

— Sempre gostei um pouco de aventura. Falei com um colega meu que me disse que no escotismo havia de tudo isso. Telefonei para a A. E. P. e indicaram-me o grupo 8. Foi difícil dar com a sede, mas fui lá com um colega e ficámos ambos no grupo.

— Costumas ler o «Sempre Pronto»?

— Costumo. Sou assinante do Jornal desde Agosto do ano passado.

— Gostas da «Página do Escoteiro»?

— Gosto. A página traz coisas interessantes, como a «especialidade de campista» que vem publicando. De resto todo o jornal traz, normalmente bom conteúdo. Li um jornal espanhol e esse trazia pouco sobre escotismo. No «S. P.» a primeira página é sempre sobre moral e o resto quase tudo sobre matéria escotista de vária forma.

— Já que ganhaste o concurso de miniaturas, pergunto: gostas de trabalhos manuais?

— Gosto e tenho pena que mais escoteiros não tivessem participado porque assim deu pouca luta.

— Estás disposto a participar em mais concursos que «S. P.» realize?

— Claro que estou.

— Quais os concursos escoteiros que gostarias que o jornal realizasse?

— Bom, gostaria que houvesse algum sobre provas de classe e, também, que desse influência para angariação de mais assinantes. Neste momento, por exemplo, estou em vias de arranjar um assinante na minha patrulha e se houver um concurso com certeza que arranjarei mais alguns.

— Vamos mudar de assunto: gostas de ler?

— Sim, gosto muito de ler. Leio romances de aventuras, ficção científica e sobre exploração. Dos autores portugueses, li, de Júlio Dinis, «Os Fidalgos da Casa Mourisca». Porém, comecei a ler «Uma Família Inglesa» e... desisti. Depois comecei a ler «A Relíquia», de Eça de Queirós. mas perdi-me pelo caminho. Acho que vou ler esse romance daqui por alguns anos.

— Agora a última pergunta: Estás a preparar-te para o próximo Nacional?

— Sim, estou a ver se posso ir. Irei, conforme estiverem as minhas finanças e como me decorrer o ano escolar.

A. I.

Apontamentos para a história do Escotismo (5)

Continuação da pág. 4

« Tenho de confessar que era um grupo de rapazes um tanto privilegiados, se bem que não fosse esse o meu caso, pois eu era órfão de pai e minha mãe vivia com dificuldades, mas de uma maneira geral eram jovens com possibilidades, pertencentes a famílias burguesas. Todavia, os pais foram suficientemente inteligentes para entender que os rapazes faziam bem em se tornarem escoteiros.

« Era pois fácil realizarem-se actividades e bons campos de férias, onde ainda se gastava algum dinheiro. Tivemos igualmente que adquirir material, nomeadamente um bom trem de cozinha e um bom carro em faia ligeira para podermos transportar as coisas, pois era essa a forma de transporte daquele tempo. »

— Conte-nos algum episódio dessas actividades.

— « Recordo um episódio pitoresco, que não deixou de ter o seu quê de dramático... pois, na altura, éramos todos rapazes de 14 e 15 anos. Fomos acampar para a Serra da Arrábida e a patrulha que ficara encarregada de transportar o carro com os mantimentos, resolveu atrevessar a «Mata do Solitário» que nesse tempo, pode dizer-se, era praticamente virgem, pois estávamos em 1914. Só aqueles que conheciam muito bem aquela região se atreviam a atrevessar a mata. Mas fazia parte daquela patrulha um rapaz, Manuel Bento de Sousa (hoje médico), que era um bom conhecedor da região, já que os pais possuíam ali uma casa de Verão... e eles resolveram meter pela «Mata do Solitário».

«A certa altura um eixo do carro partiu-se e eles tiveram que passar a noite no meio da mata, possuídos do terror juvenil próprio daquelas situações, levando a noite a acender archotes para evitar a aproximação de lobos e outros animais que diziam existir por aquelas paragens. Claro que não apareceu lobo nenhum e nada mais sucedeu do que uma noite mal dormida em constante sobressalto.

«Era interessante que nesses campos de férias os trabalhos se dividiam muito bem e se vivia em perfeita camaradagem. Alguns de nós íamos para a pesca com os próprios pescadores dali, que achavam muita graça à participação da rapaziada. Manhãzinha cedo, partíamos nas barcas e sempre trazíamos peixe, que era parte da nossa alimentação pois ali estávamos afastados do resto do mundo.

«Era uma experiência extraordinária os 20 dias que ali permanecíamos, isolados, entregues a nós mesmos».

Da utilidade do Escotismo

— Acha que o Escotismo é realmente útil para a juventude?

— « Se no meu tempo o Escotismo já era útil para os rapazes, acho que hoje é ainda mais útil.

«Por exemplo, é preciso lembrarmo-nos que nos tempos que correm em que, praticamente, deixou de haver auxiliares domésticas que se pagam, o jovem que se casa deve ajudar a mulher nas tarefas do lar e se ele vier do Escotismo não constituem problema essas tarefas do lar. Eis uma expressão moderna para a utilidade do velho Escotismo.

— Acha que o Escotismo é uma mensagem actual?

« — Sim, continua a ser, pois não perdeu nada da sua utilidade. É talvez hoje mais necessário do que nunca, porque a vida está reduzida a uma actividade de luta permanente e o Escotismo é uma bela escola que proporciona ao jovem desembaraço, espírito de independência e de improvisação.»

— Olhando para a juventude, acha que os jovens estão na disposição de aceitar o Escotismo, ou eles prefeririam encontrar algo de novo e de diferente e não um movimento já tradicional?

— « Os jovens de hoje não terão grande dificuldade em aceitar o Escotismo porque ele está dentro de uma linha de realizações que a juventude aprecia. Há o campismo, há o desporto, etc., que são manifestações actuais, ainda que de alcance mais reduzido do que o Escotismo que foi Pioneiro de todas aquelas. O Movimento não terá de evoluir muito para estar «à la page».

«Noutro tempo tivemos dificuldades porque o Escotismo era demasiado moderno para a época em que se iniciou,

«O público impressionava-se e considerava-nos uns *maduros*. Nós sofremos as lutas dos pioneiros. No nosso caso particular, não em relação ao ambiente do liceu, porque aí estávamos como o «peixe na água», mas em relação ao exterior, pois o público não compreendia aquilo bem e dificultava a vida dos escoteiros.

«Hoje ninguém põe dificuldades e o Escotismo continua a ser uma escola de auto-suficiência e ao mesmo tempo um programa de atenção pela Natureza. Hoje faz-se, ainda bem, uma política a favor da Natureza e os Escoteiros podem ser valiosos componentes dessas campanhas contra a poluição e contra as diabruras que se fazem à vegetação, aos rios, etc. O Escotismo pode e deve trabalhar ao lado dos organismos que se preocupam com essas campanhas.

«Só há razões para que os rapazes de hoje aceitem e compreendam o Escotismo no valor profundo e real da sua mensagem à juventude.»

Os caminhos do Movimento

— O sr. Carlos Botelho, que viveu aquele ambiente de entusiasmo pelo Escotismo próprio dos primeiros tempos do Movimento, terá assistido depois à evolução desse acontecimento.

Acha que o Movimento seguiu sempre o caminho mais útil aos jovens?

— « Depois de me afastar, não acompanhei em pormenor o desenrolar do movimento, mas por observação à distância ficou-me a impressão de que começaram a surgir uns oportunistas muito mal informados acerca do Escotismo, que o deterioraram. Pessoas até que confundiram o Escotismo com militarismo, o que era um pavor.

«Nada de confusões e nada de semelhanças com a infeliz Mocidade Portuguesa... e nada de parentescos.

«O Escotismo tem de ser absolutamente voluntário, o menos militar possível e o mais neutro possível em matéria de sectarismo.

«Também o facto de existir um uniforme foi motivo de confusões. Mesmo pedagogos e pessoas bem informadas chegaram a apontar o uniforme como factor contraproducente e de identificação do espírito para-militar do Escotismo. Mas o uso do uniforme teria naturalmente uma explicação bem simples que era não haver distinções de classes através da forma como os rapazes se apresentavam vestidos e, por outro lado, tornar mais económico o equipamento prático e útil do escoteiro. Dava-se, assim, uma nota de igualdade e simplicidade ao trajar dos escoteiros».

— Não há dúvida que por alguns grupos de escoteiros passaram jovens evoluídos e entusiastas de quem seria lícito esperar, uma vez adultos, que imprimissem ao Escotismo em Portugal uma face mais verdadeira. No entanto, perdeu-se muito tempo e energia em questiúnculas associativas que nos deixaram ficar muito poucos, mesmo demasiado poucos, dirigentes capazes de manter o Movimento a nível verdadeiramente útil.

Porque tendo tanto interesse pelo Escotismo, esses rapazes, quando adultos, se afastaram do Movimento, que continuam a apreciar?

— « Deve-se tudo a uma doença política que atravessamos desde certa época em que se começou a traduzir mal o Escotismo, com intromissão de certos políticos, no mau sentido da palavra, que estragaram a essência optimista do Movimento. Essa mistura de ideias à margem do Escotismo, mas que influíram nele, podem ter contribuído para um arrefecimento da parte dos entusiastas.

«Por outro lado, haverá que aceitar que esses jovens mais evoluídos terão depois ocupado posições na Vida que lhes não permitiram continuar a dar assistência ao Escotismo.

«Mas, apesar disso, se a política a que me refiro fosse mais franca e menos mesquinha, esses elementos não se teriam esquecido do Escotismo. Assim, conveio-lhes esquecerem-se.

«Depois, ficou o Movimento entregue aos espíritos subservientes que se lançaram na aventura de dirigirem uma coisa de que nada percebiam, só para parecerem bem aos olhos dos superiores. Isso deu asneira.

«Como deu asneira a constituição isolada de grupos católicos, que veio provocar a sepa-

Continua na pág. 7



O Grupo 3 gerou entre os seus escoteiros uma amizade verdadeira que se tem mantido inalterável pela vida fora. Indispensável, por isso, a tradicional reunião de convívio, onde todos recordam esse tempo distante que é, para muitos, motivo de orgulho e grata recordação. A fotografia documenta uma destas reuniões, a de Junho de 1957, na Tobis. Da esquerda para a direita, vêem-se, de pé, os antigos escoteiros deste grupo srs Cabrita, Gustavo Pereira da Costa, Eng.º Frederico Jorge Oom, Teves Costa, Prof. Faria Lapa, Dr. Batalha Reis, Al. Barbieri, Carlos Bobone, Vicente Ribeiro, Bento de Sousa e P. da Costa. Sentados em cadeiras: Gomes da Silva, C. Santos, General Jorge Oom, Almirante Vasco Lopes Alves, Álvaro Bobone e Marques Cunha. Sentados no chão: Pintor Carlos Botelho, Pedro Nunes, Henrique Moura e Clington.

DO ENTRONCAMENTO

Grupo N.º 84

Prova de corta-mato

Por iniciativa da Patrulha Águia, efectuou-se em 4 de Fevereiro passado uma prova de corta-mato num percurso de 3 km. nos arredores desta Vila tendo-se classificado nos primeiros lugares os escoteiros Carlos Manuel Carmelo, guia da «Águia»; Francisco José Murcela, guia da «Galo» e Paulo Emílio Marchã, subguia da «Galo».

Gincana de bicicletas

Por iniciativa da Patrulha, «Galo», realizou-se no mesmo dia uma gincana de bicicletas num percurso cheio de obstáculos, tendo-se classificado nos primeiros lugares: Vítor Vergamota, chefe de tribo; Luis Filipe Boavida, subguia da «Leão» e José Luís Gomes, aspirante adido à patrulha «Galo».

Espírito de colaboração

Os Escoteiros Dias, Carmelo, Marchã, Carlos Mário, João Santiago, Caramelo e o aspirante Murcela, sob a direcção do chefe de tribo, têm prestado ao Grupo uma colaboração louvável, mantendo a sede sempre limpa e apresentável. — *V Vergamota.*

Apontamentos para a história do Escotismo (5)

Continuação da pág. 6

ração dentro do próprio Escotismo. Isto matou a grandeza do Ideal.

— *Se o Escotismo apregoava a sua preocupação de tornar os rapazes iguais, sem distinção de credos e raças, o que lhe parece possa ter presidido a essa ideia separatista pela religião?*

— « Sabe que, quando se trata de grandes movimentos, há logo quem deseje possuir o exclusivo do seu controlo. Por meu lado, sempre me dei bem com os escoteiros católicos e os protestantes e nuns e noutros tenho ainda bons amigos. Quando os indivíduos são realmente cultos e inteligentes, essas divisões não existem.

Agora o tema é crise de juventude

— *Hoje fala-se muito em juventude e em crise de juventude. Acha que aquilo que se apelida de crise de juventude deixaria de existir se o ambiente escolar fosse o do seu tempo? Acha que os jovens de hoje aceitariam um ambiente como aquele que existia no seu tempo de estudante?*

— « Chamemos-lhe antes *crise com a juventude* e não crise de juventude.

«Tenho a impressão que nós éramos mais felizes porque o liceu tinha uma equipa de professores capazes de se ocuparem daquela população escolar, dar-lhes toda a atenção. Porque o rapaz gosta que se lhe dê toda a atenção e é isso que não sucede agora. Eles não têm professores nem aulas suficientes, andam abandonados, aos encontrões pelos corredores. Como podem estar contentes?

«No meu tempo, os liceus tinham capacidade, em professores e espaço, para atender a todos os alunos e poderiam, por isso, educá-los. Depois, a afluência foi sendo cada vez maior e hoje não há espaço para os receber e os professores são insuficientes para lhes dar a indispensável atenção.

«Os jovens de hoje não são mais irreverentes do que os de ontem, mas as perspectivas que actualmente se lhes apresentam, tanto durante o seu curso como depois de acabado este, não são de molde a deixá-los satisfeitos. Daí o nervosismo que os assalta e os problemas que constantemente levantam.

«Mas não podemos assacar-lhes quaisquer culpas!

Entrevista de MARIANO GARCIA

DEPOIS DA CAMPANHA

MAIS ASSINANTES



Depois da Campanha ainda chegam assinaturas. E ainda bem! O ideal seria que a Campanha continuasse com êxito. O nosso correspondente no Entroncamento, um dos bons cooperadores, mandou-nos mais uma assinatura: O Escoteiro Paulo Emílio M. Marchã. O nosso correspondente em Azambuja, sr. Quintino dos Santos, também enviou a assinatura do sr. José Carlos Pereira Rodrigues. E ainda o nosso estimado assinante sr. António Ferreira Miranda, em serviço de soberania em Africa, nos remeteu a assinatura do sr. Alcino Gabriel Deves, de Nampula, Moçambique. Mais três assinaturas, que são promessa de muitas mais. A todos agradecemos.

ADMINISTRAÇÃO

«Sempre Pronto» pode orgulhar-se dos seus assinantes! São realmente amigos do seu jornal. Por isso continuam a vir até nós, enviando-nos espontaneamente o valor de suas assinaturas. A sr.ª Dr.ª D. Stephanie Lion enviou-nos generosamente 300$00 para a sua assinatura de patrocínio. Outro assinante, o sr. P. M., remeteu 100$00 para o mesmo fim. O sr. Cristiano A. Xavier 60$00 para dois anos, e António F. Miranda remeteu 100$00 para a sua assinatura e de outra que propôs. Boa colaboração. A todos, o nosso muito agradecimento.

O nosso amigo sr. António F. de Miranda, algures em Moçambique, acompanha a importância com saudações, acrescentando: «Não quero terminar sem deixar aqui bem patente a minha gratidão a todos aqueles que labutam no «Sempre Pronto» pelo belíssimo trabalho que apresentaram no decorrer de 1972. Faço votos para que os ânimos não arrefeçam e que o entusiasmo seja cada vez maior». *Obrigado, amigo! Procuraremos corresponder.*

O Ateneu Comercial de Lisboa

vai promover os Jogos Florais de 1973

Os escoteiros têm agora oportunidade de demonstrar as suas aptidões literárias, concorrendo a um interessante certame que se realiza este ano.

Trata-se dos Jogos Florais que o Ateneu Comercial de Lisboa, uma instituição a que o Escotismo tanto deve, está promovendo.

O regulamento, que será remetido aos interessados que o solicitem a esta instituição (Rua das Portas de Santo Antão, 110, Lisboa-2), dispõe, em resumo, o seguinte:

Os Jogos são abertos a todos os concorrentes que apresentem, em número não limitado, produções em língua portuguesa até 30 de Abril do ano corrente, mas seguintes modalidades:

a) Poesia (livre).
b) Quadra.
c) Conto.

Os trabalhos serão apreciados por um Júri, de cujas decisões não há recurso, que atribuirá aos primeiros classificados de cada modalidade Rosas de Filigrana Dourada (ou Prateada, na modalidade de Quadra) e medalhões de bronze aos segundos classificados, prémios que poderão deixar de ser atribuídos, caso as produções concorrentes não demonstrem a necessária categoria. Também poderão ser distinguidas com menções horosas outras produções.

Os trabalhos serão firmados com divisa ou pseudónimo e a identificacão dos concorrentes será feita no interior de sobrescrito lacrado que acompanhará a produção.

A proclamação dos vencedores será feita em sessão especial integrada nas comemorações do 93.º aniversário do Ateneu.

Aqui está um convite para que chamamos em especial a atenção dos escoteiros e das guias portugueses.

A LUTA CONTRA A DESUMANIZAÇÃO DA VIDA

Continuação da pág. 1

o meio natural, através da aquisição de hábitos mais saudáveis, a estimular nele o instinto gregário, pela criação de centros de interesse que o atraia, e a defender-lhe e fortalecer-lhe a personalidade, graças a um trabalho de aperfeiçoamento pessoal.

Só mercê de uma acção claramente humanizadora é que a educação poderá desempenhar cabalmente o seu papel. E não vemos que mais elevados objectivos lhe seja possível escolher que não sejam os de proporcionar ao homem uma existência mais profícua, renovando-lhe a alma, colocando-o em condições de desfrutar dos benefícios do progresso, levando-o, ele próprio, a contribuir para a humanização da vida através da maior consciencialização sobre o que lhe é realmente útil e do trabalho para a obtenção de novas conquistas em todos os campos da actividade humana.

Serão estes os objectivos que actualmente informam a acção educativa?

Cumprimentos de Boas Festas

Só recentemente chegou um aerograma de Natal do nosso assinante escoteiro Luís Filipe dos Santos Gomes, em cumprimento de serviço militar no Ultramar, que saúda todos os membros de «Sempre Pronto» e formula votos de felicidades para 1973. Agradecemos e retribuímos.

ANGOLA? PRESENTE!

«DOMINGO A DOMINGO VAI O GRUPO...»

Existe um adágio popular, bem conhecido de todos, que diz que... *grão a grão*...

Podemos comparar o trabalho de um Grupo de Escoteiros com o adágio que «encabeça» esta nota despretensiosa.

Um Grupo de Escoteiros tem as suas reuniões regulares, todos as têm, mas certamente nem todos os Grupos chegarão ao fim da sua reunião podendo «tirar» o que de útil houve no que se aprendeu. Claro está que Grupos destes estão votados aos caminhos da mediocridade, a serem sempre unidades escotistas a trabalhar a «meia força».

Que virá como resultado desta rotina fútil das reuniões periódicas de um Grupo?

Todos somos unânimes em afirmar que, além da mediocridade do Grupo, os seus poucos elementos perderão, em breve, o interesse pelo que o Grupo faz, ficando apenas alguns que criaram o hábito de «cavaquear» durante os tempos destinados a reuniões da unidade escotista.

Podem haver estruturas e óptimas condições de trabalho, planos e obras. Mas sem movimento e organização necessária durante as reuniões da semana, na sede, os escoteiros dispersam-se, desinteressam-se, afastam-se.

Acontece que esta nota simples é destinada a uma Unidade em estado de mediocridade e a outra em estado de esforço são, para atingir uma craveira «ao sol» entre os Grupos bons da AEP.

Por várias razões não citaremos os seus números, mas deixaremos ao critério dos chefes de ambas as unidades o quererem, ou não, enquadrar-se nestas notas.

Passemos aos factos:

Há pouco tempo, um Grupo de Angola saiu em excursão por este Estado com quatro elementos e um chefe, tendo arribado a cidades desta Angola, onde a AEP vive (?) e, como escoteiros que são, decidiram-se por um acampamento durante a estadia nessa cidade. O encontro entre os elementos dos dois Grupos fez-se. Os viajantes até foram bem recebidos e obsequiados com certos alardes de requinte pelos chefes e muitos poucos escoteiros (três) do Grupo visitado.

Os chefes estiveram presentes, como referimos, mas os rapazes e raparigas onde estão? Que é feito deles? Nem sombra foi vista!..

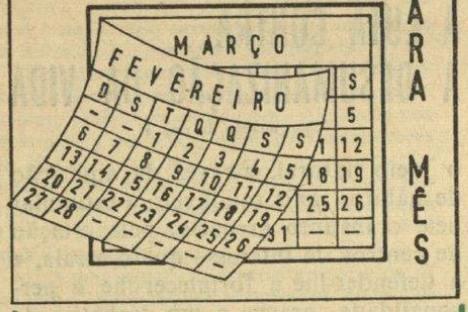
Será que o referido Grupo visitado está a desaproveitar as suas reuniões semanais? Pensamos que sim. Estamos até em crer que a mocidade e o movimento são «armas» que os chefes da unidade visitada deixaram enferrujar dentro dos «estojos»...

Parabéns aos visitantes pela sua iniciativa na viagem, e aos visitados, a par de sentidos «sentimentos», a lembrança que a mocidade e o movimento (com iniciativas válidas) durante as reuniões de sede, ajudam muito. Lembrem-se todos de que *grão a grão*... ou seja, *de reunião a reunião*...

JARCLOUCO

XV JAMBORI NO AR

Por motivo da falta de espaço com que lutamos, só no próximo número nos é possível publicar os últimos relatórios dos grupos portugueses intervenientes nesta actividade mundial dos escoteiros.



Grata efeméride



Passa este mês o 23.º aniversário da fundação da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, que se ficou a dever a feliz realização de «Sempre Pronto».

É muito agradável recordar o entusiasmo com que foi acolhida essa iniciativa e o número elevado de adesões que o empreendimento logo registou, entre as quais se contavam desde os mais modestos aos mais ilustres nomes que têm honrado as fileiras do Escotismo em Portugal, todos unânimes nos ideais que desejavam reafirmar.

A Fraternal é pois a depositária das esperanças desse escol de escotistas e se essa circunstância lhe confere certo grau de dignidade, também constitui grave responsabilidade, que deve assumir realizando obra ao nível dos propósitos para que foi criada, o que pode não estar de harmonia com aquilo que é mais fácil promover. Mas não são os escoteiros aqueles que arrancam o prefixo do IMPOSSÍVEL?

Amigos em toda a parte...

Um apelo do Brasil

Diz Ricardo José Caruso: «Gostaria muito de receber um número desse jornal para ter uma noção como andam as coisas para o escotismo em minha segunda Pátria. Gostaria ainda de receber o endereço de alguns ou algum escoteiro para manter trocas de distintivos e livros escoteiros. (...) Um abraço e um «sempre alerta».

O endereço deste camarada escoteiro é: R. dos Estudantes, 15 — Apt.º 81 — São Paulo — Brasil.



Melo Machado homenageado pelo Grupo n.º 2 dos Escoteiros de Portugal

No âmbito das comemorações do seu 60.º aniversário, o Grupo n.º 2 dos Escoteiros de Portugal prestou homenagem à memória do Comandante Melo Machado, introdutor do Escotismo em Portugal e antigo chefe daquela histórica unidade escoteira.

Assim, no passado dia 25 de Fevereiro, no cemitério dos Prazeres, foi colocada uma coroa de flores junto ao jazigo onde repousam os restos mortais deste saudoso dirigente escotista.

Presentes deputações dos Grupos n.ºs 2 e secções, 23, 79, 100, da 2.ª companhia das Guias de Portugal, os chefes dos Grupos n.ºs 7, 12 e 94 e ainda o escoteiro-chefe-geral, comandante Tengarinha Pires.

Diversos antigos escoteiros, entre os quais se destacaram os srs. Xavier de Brito, Luís Alves Miguel, Armando Soares, Luís Matos, estiveram também a testemunhar a gratidão devida a Melo Machado.

Depois de um minuto de silêncio em memória do homenageado e também de Lorde Baden-Powell, falou o chefe do Grupo n.º 2, sr. Madeira Leitão, que salientou a figura ímpar do introdutor do Escotismo em Portugal.

Seguidamente, em nome dos antigos escoteiros, falou o sr. Xavier de Brito, colocando em foco o espírito de iniciativa, perseverança e pontualidade que era apanágio de Melo Machado e que fez dele uma figura bem marcante no escotismo nacional.

«Sempre Pronto» fez-se representar naquela cerimónia por um dos seus redactores.

A. I.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00